

MEDICALIZAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR:

o contexto de curso pré-vestibular

Eduardo Barcellos Pantaleão (IC) e Roseli Fernandes Lins Caldas (Orientadora)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Um dos principais objetivos da Psicologia é promover saúde mental, nesse sentido, a Psicologia Escolar e Educacional se trata de uma área que busca compreender como fenômenos psicossociais ligados à educação desempenham seu papel na construção de subjetividades e do conhecimento na sociedade em instituições de ensino. A partir disso, pesquisou-se sobre como a medicalização, fenômeno de transportar algo de origem social para o meio médico, desempenha seu papel na produção do fracasso escolar em vestibulandos. Tratou-se de uma pesquisa quanti-quali, cuja metodologia consistiu na aplicação de um questionário via Google Forms em vestibulandos, a qual obteve 134 respostas, bem como a realização de quatro entrevistas semiestruturadas com vestibulandos. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois profissionais da Psicologia. A análise dos dados obtidos no questionário foi feita utilizando o teste qui-quadrado quando a variável foi qualitativa e o t de Student para as demais análises estatísticas. Já análise dos dados das entrevistas consistiu na análise de conteúdo e a hermenêutica dialética. Com base nisso, foi possível levantar que 15% dos participantes consumiram medicamentos com expectativa de gerar aprimoramento cognitivo. A pesquisa possibilitou identificar que quanto mais tempo de vivência a amostra tinha nos cursinhos, maior era o consumo de medicamentos, bem como apresentar ideias de possíveis intervenções clínicas e institucionais por profissionais da Psicologia. Pôde-se concluir que se trata de um público que lida com demasiado sofrimento psíquico e que a medicalização exerce um papel ativo para manutenção de um sentido alienante nos estudos para os vestibulandos.

Palavras-chave: Medicalização. Cursinhos. Vestibular.

ABSTRACT

One of the main objectives of Psychology is to promote mental health, in this sense, School and Educational Psychology is an area that seeks to understand how psychosocial phenomena linked to education play its role in the construction of subjectivities and knowledge of society in educational institutions. It was researched how medicalization, a phenomenon of transporting something of social origin to the medical environment, plays its role in the production of school failure in preparatory school students. It was a quanti-quali research, whose methodology consisted of applying a questionnaire via Google Forms to prep. course students, which obtained 134 responses, as well as the realization of four semi-structured interviews with students. Semi-structured interviews were also done with two psychology professionals. The analysis of the data obtained in the questionnaire were made using the chi-square test when the variable was qualitative and the Student's t for the other statistics analyzes. The analysis of the interview data consisted of content analysis and dialectical hermeneutics. Based on this, it was found out that 15% of the participants consumed medications with the expectation of generating cognitive improvement. It was possible to identify that the longer the sample studied in these courses, the greater the consumption of medicines, as well as presenting ideas for possible clinical and institutional interventions by professionals in Psychology. In conclusion, this is a population that deals with heavy psychological suffering and that medicalization plays an active role in maintaining an alienating meaning in studies for students entering the university.

Keywords: Medicalization. Preparatory course. Entrance exam.

1. INTRODUÇÃO

A Psicologia é uma área do conhecimento marcada por sua diversidade de teorias, técnicas e atuações em diferentes campos da vida. Além disso, pode-se afirmar que um de seus principais objetivos, independentemente da abordagem teórica ou área de atuação, é promover saúde mental (CARPIGIANI, 2010).

Uma visão complementar a esta é a de Freitas (1996), ao defender que gradualmente há uma busca dos profissionais dessa área por compreender e intervir cada vez mais sobre fenômenos psicossociais. A autora afirma que se pode entender que o acesso a serviços básicos, como saúde e educação de qualidade emanam saúde mental, portanto, é papel desses profissionais compreender como tais fenômenos atravessam a vida da população.

Ademais, ressalta-se a importância de se ter uma participação ativa na defesa de direitos de grupos minoritários, assim como pesquisar e intervir mais sobre todas as situações de desigualdade e injustiça social em instituições (FREITAS, 1996).

Então, pode-se afirmar que a Psicologia Escolar e Educacional se trata de uma forma de compreender como fenômenos psicossociais ligados à educação e aprendizagem atravessam a vida da população e a formação de subjetividades em instituições de ensino. A partir disso, pode-se refletir sobre a importância de elaboração de políticas públicas em diferentes níveis de formação na academia, tendo em vista um de seus objetivos, que é promoção de saúde mental (ARAÚJO; CALDAS, 2014).

A partir disso, reflete-se sobre o papel que a Psicologia pode ter em cursos preparatórios ao Vestibular, identificar como o fenômeno da medicalização pode se manifestar nesses espaços e seu potencial papel na produção do fracasso escolar em vestibulandos.

De acordo com Whitaker (2010) os cursos preparatórios para Vestibular têm uma função de ser uma ponte entre o ensino médio e o superior. Todavia, a maioria dos estudos da área estão mais voltados para a formação na infância e adolescência, o que, de acordo com a autora, exige mais pesquisas para com outras fases da vida que também são atravessadas pela educação, o que parece tornar a temática da pesquisa contemporânea, inovadora e de grande importância.

Ainda, a pesquisa de Trigueiro (2015) aponta como essa fase da vida parece gerar muito sofrimento nos vestibulandos. Alguns fatores podem agravar situações que são fontes de ansiedade e angústia na vida dessas pessoas. Entre eles, pode-se apontar a hipercompetitividade nesse meio, em que se zela pela competição antes da cooperação nos estudos, bem como a grande pressão social para aprovação no ensino superior, que parte muitas vezes da família do vestibulando.

De acordo com Bohoslavsky (2015), há também uma série de lutos e angústias relacionadas à perda da infância e escolha de carreira. Portanto, pareceu ser pertinente pesquisar mais a fundo sobre como a Psicologia pode zelar pela saúde mental de vestibulandos nesse meio.

No que se refere à medicalização, Collares e Moysés (1994), a definem como o fenômeno de transportar e tratar situações de natureza social para o campo médico. No contexto da educação, isso pode implicar numa “epidemia” contestável de diagnósticos de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade), como aponta Souza (2014).

De acordo com o DSM-V (2014), o TDAH é um transtorno do neurodesenvolvimento que prejudica principalmente a função cognitiva de atenção no indivíduo, podendo dificultar funções como a distribuição de atenção a partir de diferentes estímulos, assim como o estabelecimento de foco em determinada tarefa. Portanto, mesmo em situação de dificuldade de aprendizagem, o TDAH, sozinho, não seria capaz de impedir a aprendizagem, mas sim dificultar condições que são externas a quem tem dificuldades. Ou seja, pode-se afirmar que toda e qualquer dificuldade em aprendizagem é multicausal, portanto, as intervenções devem ser múltiplas, envolvendo tanto as esferas individuais quanto institucionais que atravessam os indivíduos, incluindo aqueles que são diagnosticados com TDAH.

O Cloridato de Metilfenidato, comercializado como Ritalina ou Concerta, trata-se de um fármaco estimulante do SNC (Sistema Nervoso Central) que é indicado para quem tem TDAH, assim como pode ser indicado para quem apresenta estados depressivos, por aumentar o nível de dopamina no cérebro. Isso pode resultar no estímulo de funções como atenção e consequentemente, memória, assim como um estado de excitação de humor (CORDIOLI, 2006).

Contudo, de acordo com Trigueiro (2015), ainda se discute sobre seu potencial de oferecer um aprimoramento cognitivo, sendo que sua pesquisa apontou que esta é uma das principais expectativas que os indivíduos depositam nesse tipo de medicamento. Ademais, tais fármacos são classificados como tarja preta e podem causar, a longo prazo, ansiedade, insônia e até mesmo desordem emocional semelhante à esquizofrenia, sintomas estes, descritos na própria bula dos remédios à base de Metilfenidato. Portanto, pode-se refletir sobre que efeitos eles podem ter para quem os consome sem o devido acompanhamento profissional, assim como a discrepância entre a realidade e a expectativa depositada neles.

O que a pesquisa de Souza (2014) aponta é que parece haver um movimento de profissionais da saúde mental no sentido de gerar uma “epidemia” de diagnósticos que não levam em consideração o contexto em que o indivíduo diagnosticado está circunscrito, o que pode gerar estigmatizações em relação ao TDAH. A medicalização é, nesse contexto, o

fenômeno que individualiza problemas que são, também, coletivos e decorrentes do ensino e os trata como exclusivamente orgânicos, podendo resultar em intervenções medicamentosas inadequadas para algumas pessoas.

No que se refere ao fracasso escolar, é possível afirmar que isso engloba questões como o abandono dos estudos, o não aprendizado efetivo, desmotivação, entre outros fatores. Neste sentido, Souza (2014) dá destaque ao fato de que um dos frutos do problema em pauta é a ausência de significado e sentido que os alunos atribuem ao estudar.

Portanto, com base nos conceitos definidos acima, acerca dos cursos pré-vestibular, medicalização e fracasso escolar, geraram-se algumas perguntas que nortearam o andamento da presente pesquisa: Qual o papel da medicalização na produção do fracasso escolar em vestibulandos? Qual a incidência do consumo de medicamentos, como caminho de aprovação no Vestibular, em cursinhos? Há diferença estatística entre quem os consome com e sem diagnóstico de TDAH? Há diferença estatística do tempo que se estuda nessas instituições no consumo desses medicamentos?

A partir dos problemas da presente pesquisa, elaborou-se como objetivos gerais verificar os índices do consumo de medicamentos em estudantes de cursos pré-vestibular, conscientizar estudantes e professoras (es) sobre a situação existente nesse contexto e sugerir possíveis intervenções clínicas e institucionais para melhorias na aprendizagem destes estudantes e sua passagem para o ensino superior, zelando por sua saúde mental.

Já os objetivos específicos foram investigar as causas da procura de medicamentos por parte dos vestibulandos, caracterizar os efeitos que tais medicamentos exercem na saúde mental do usuário durante seu consumo e levantar as concepções de profissionais da área educacional e da saúde mental a respeito da situação presente nos cursos pré-vestibulares, problematizada pelo projeto de pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Bohoslavsky (1991, *apud* TOLEDO, 2014), a escolha de carreira é uma tarefa afetivo-emocional, afetada tanto por fatores internos quanto externos do vestibulando. Trata-se de uma fase da vida marcada pela ansiedade da escolha de carreira, bem como lutos da infância, adolescência e do poder de escolha. Para o autor, a pessoa deve ter autonomia sobre suas escolhas, não devendo lhe ser imposta uma visão do que seria certo ou errado nisso, pois o que determina tais escolhas está fortemente ligado ao seu desenvolvimento e fenômenos psicossociais que o atravessam.

Portanto, pode-se refletir sobre a importância da atribuição de significado e sentido aos estudos, pois isso faz parte da formação de subjetividade e parece ser um fator de grande relevância para saúde mental, principalmente no que se refere ao contexto dos cursinhos.

Nesse sentido, Leontiev (1998, *apud* ASBAHR; SOUZA, 2014) afirma em suas obras que o sentido pessoal nos estudos deve se dar a partir de uma relação dialética entre a atividade humana e a consciência, expressando então a subjetividade do indivíduo, que por sua vez, estabelece uma relação com os significados sociais e a sua atividade. No entanto, a pesquisa de Asbahr e Souza (2014) sugere que estudantes de escolas brasileiras não conseguem estabelecer tais relações, e que atribuem ao mercado de trabalho o objetivo de seus estudos, deixando-os alienados ao longo de todo o processo de educação. Ou seja, hoje em dia, formam-se indivíduos preparados para o mercado de trabalho, porém esta formação pode gerar pessoas desumanizadas e alienadas.

Uma visão complementar a essa é a de Vygotsky (1995, *apud* ASBAHR; SOUZA, 2014) que ao longo de suas obras enaltece a importância dos processos sociais, históricos e culturais no desenvolvimento do ser, assim como seu aprendizado ao longo da vida. No contexto socioeducacional atual, percebe-se uma grande presença da exclusão escolar, no tratamento de um estudante como diferente por apresentar algum tipo de padrão comportamental distinto do esperado. Tais estudantes são tidos em grande parte dos casos, por parte de sua família, do corpo docente e colegas como “diferentes”, interferindo em seu processo de sociabilidade e de aprendizagem. É esse tratamento que muitas vezes é fruto do fenômeno da medicalização na educação (COLLARES; MOYSÉS, 1994).

Representante de outra concepção teórica na Psicologia, Winnicott (1975) defende que o ambiente é um fator importante para o processo de amadurecimento do indivíduo. O autor propõe que um ambiente que pode oferecer um espaço de *holding* pode ser vital para o zelo do verdadeiro *self* e que o brincar pode ser um elemento-chave para que isso ocorra.

Pode-se compreender que o contato com o verdadeiro *self* é um fator de saúde mental, e que a atividade do brincar torna-se importante na medida em que se entra em contato com os recursos egóicos e infantis, podendo resgatar em si sua criatividade como forma de lidar com os desafios e frustrações vindas do ambiente (WINNICOTT, 1975).

Compreende-se também que o sentido do brincar não se restringe a uma atividade feita exclusivamente na infância, mas também pode se manifestar de outras formas, ao longo da vida, que é atravessada pelo amadurecimento (WINNICOTT, 1975). Por isso, reflete-se sobre estas questões: Será que é possível pensar em como oferecer um *holding* para essas pessoas no contexto de curso pré-vestibular? Será que é possível resgatar a criatividade do indivíduo tanto nessas instituições quanto na clínica? As respostas para tais perguntas poderão ser encontradas mais adiante, nos resultados e discussões da presente pesquisa.

É possível afirmar que a formação na academia atualmente está mais voltada para a aprovação no Vestibular, o que pode eliciar um sentido alienante aos estudos. Além disso,

parece ser um sistema que dificulta o processo pelo qual o estudante possa expressar sua criatividade em sua formação e desenvolvimento. A pesquisa de Trigueiro (2015) apontou como a busca de medicamentos, como forma de aprimoramento cognitivo, interferiu nesses processos, podendo ter contribuído para construção de pessoas alienadas e desumanizadas.

Para Meira (2012), a medicalização pode ser um dificultador na reflexão sobre o sentido e significado nos estudos pelo seu princípio de padronizar comportamentos, o que pode resultar em estudos que não desenvolvem crítica, podendo levar à alienação. Também pode afetar as relações que o estudante estabelece com todos aqueles que compõem seu ciclo acadêmico, como seus colegas, familiares e professoras (es).

É importante ressaltar a diferença entre a medicação e medicalização. Uma intervenção medicamentosa pode ser benéfica para uma pessoa quando há um acompanhamento profissional do consumo de medicamentos, sendo extremamente necessário que se tenha outras intervenções tanto clínicas quanto institucionais sobre aquela pessoa, pois a própria está circunscrita num contexto social. Isso, pois o propósito dos medicamentos para saúde mental é tratar sintomas, e não causas. Vale ressaltar o que já fora discutido no presente artigo: Dificuldades e sofrimentos tendem a ser multicausais, portanto, as intervenções, quando necessárias, devem ser múltiplas (COLLARES; MOYSÉS, 1994).

Portanto, apesar da medicalização envolver um leque extenso de possibilidades para se manifestar, é certo que se houve algum determinante social, pedagógico, político ou econômico negligenciado, ocorreu esse fenômeno. Em todos os casos, a medicalização pode mais prejudicar o indivíduo do que auxiliá-lo (MEIRA, 2012).

Portanto, o propósito da presente pesquisa não é desdenhar dos casos de TDAH, nem desmerecer os medicamentos que afetam o SNC, mas sim refletir sobre o papel que os diagnósticos e intervenções medicamentosas têm tido no contexto socioeducacional atual, bem como propor intervenções clínicas e institucionais para que se promova saúde mental nesses cenários.

Além disso, de acordo com Whitaker (2010), os cursinhos representam o fracasso de um sistema de ensino que visa a preparação do estudante, única e exclusivamente para o Vestibular. Paradoxalmente, trata-se de uma instituição cuja finalidade é fundamentada nos mesmos valores de tal sistema, não abrindo margem para reflexões no processo de aprendizagem.

Isso é algo considerado por muitos autores, apontados por Whitaker (2010), como uma prática antipedagógica. No entanto, ressalta-se a importância dos cursos pré-vestibular, uma vez que, dentro do contexto socioeducacional presente, tornam-se um meio importante de admissão ao ensino superior.

Então, considera-se os cursinhos como palcos de grande sofrimento emocional por parte dos estudantes, que têm seus lutos, perdas e angústias proporcionadas pela escolha de carreira e pelo sistema do Vestibular. Portanto, propõe-se, a partir das considerações teóricas da presente pesquisa, a reflexão do como a Psicologia pode contribuir para que tais instituições, que são importantes no contexto socioeducacional atual, sejam também um espaço que se promova saúde mental junto ao ensino, visando num melhor preparo para a vida do estudante tanto dentro quanto fora da academia (BOHOSLAVSKY, 2015).

3. METODOLOGIA

É importante ressaltar que a pesquisa foi realizada no contexto em que autoridades de saúde decretaram estado de pandemia mundial do Sars-CoV-2, bem como o isolamento social como principal medida de prevenção do vírus. Para zelar pela saúde dos participantes da pesquisa, foram feitas adaptações na coleta de dados em relação ao que havia sido proposto no projeto da pesquisa.

Tratou-se de uma pesquisa quanti-quali, uma vez que foram coletados tanto dados numéricos e estatísticos quanto uma compreensão mais aprofundada dos significados de tais dados, bem como outras informações que estão além do espectro estatístico.

A pesquisa qualitativa, conforme Bogdan e Bilklen (1994), é um meio pelo qual o fenômeno a ser estudado é revisto em sua totalidade e complexidade. Nesse modelo de pesquisa o fenômeno é colocado em pauta de modo que o contato entre ele e o investigador seja direto, o que se mostra importante para uma pesquisa no contexto educacional, pois o contato direto com os participantes e o levantamento de seus aspectos individuais se fez necessário (BOGDAN; BILKLEN, 1994).

A pesquisa quantitativa também se mostrou importante na medida em que esta é capaz de levantar dados estatísticos que podem servir para quem se interessar pelo tema, bem como levantar dados numéricos como forma de identificar o quanto isso se expressa no contexto estudado. Por isso, a pesquisa foi quanti-quali, pois foi possível levantar números e estatísticas, assim como explorar e caracterizar seus significados no contexto da mesma (BOGDAN; BILKLEN, 1994).

A coleta de dados da pesquisa foi dividida em três etapas. Já a amostra da pesquisa foi escolhida por conveniência e todos os participantes receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada etapa da pesquisa e afirmaram por escrito concordar com os termos. A divisão das etapas de coletas de dados foi a seguinte:

- A) Foram aplicados dois questionários via Google Forms, sendo que o primeiro continha perguntas objetivas e dissertativas acerca do tema. O público destinatário de ambos foi estudantes de cursinho. A divulgação com o link do primeiro

formulário foi feita por mensagem, que foi enviada e repassada entre estudantes de cursinhos.

- B) Foram realizadas entrevistas individuais e semiestruturadas com estudantes de cursinhos. Para isso, foi elaborado um roteiro prévio às entrevistas, que foi mais elaborado ao longo delas. Para participação desta etapa da pesquisa, os interessados preencheram o segundo formulário no Google Forms, o qual solicitava informações acerca de sua disponibilidade para entrevista.
- C) Foram realizadas entrevistas individuais e semiestruturadas com profissionais da Psicologia. Para isso, também foi elaborado um roteiro prévio às entrevistas que foi mais elaborado em seu decorrer. Nesse caso, os participantes foram convidados pelo pesquisador a colaborar com a pesquisa.

É importante ressaltar que todas as entrevistas ocorreram na plataforma Zoom Meetings e foram gravadas. Isso constava no TCLE e todos os participantes concordaram por escrito com a gravação de sua voz para fins acadêmicos de pesquisa. A análise dos dados coletados também foi dividida em três etapas:

- A) Os dados quantitativos foram organizados em gráficos. Para analisar as diferenças entre grupos com e sem diagnóstico de TDAH foi usado o teste do qui-quadrado e para os demais dados foi usado o teste t de Student. Para todas as análises estatísticas foi considerado o nível de significância de 5% com o uso do programa Microsoft Excel.
- B) Os dados qualitativos, obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, foram transcritos como facilitadores para sua análise. O primeiro método de análise desses dados foi a análise de conteúdo, que conforme Bardin (1995, *apud* OLIVEIRA et. al., 2003), consiste na explicação e destrinchamento do discurso e seu significado, considerando o contexto em que este foi emitido.
- C) O segundo método de análise de dados qualitativos foi a hermenêutica dialética, que de acordo com Minayo (1992, *apud* GOMES, 2004), reúne os dados coletados com o contexto histórico-social em que a pesquisa ocorre, relacionando-o com a fundamentação teórica da pesquisa.

Ressalta-se que tanto a análise de conteúdo quanto a hermenêutica dialética tratam-se de metodologias que ocorrem em etapas, que foram devidamente seguidas para elaboração da discussão da pesquisa.

Foi esclarecido no TCLE que todos os participantes teriam direito a acessar os resultados da pesquisa e que seus dados serão armazenados por cinco anos. Também foi

destacado seu direito de se retirar do estudo conforme sua vontade, sem que isso lhes trouxesse quaisquer prejuízos, embora nenhum participante o tenha feito.

Também foi indicado o serviço-escola da UPM (Universidade Presbiteriana Mackenzie) para aqueles que se mostraram interessados em buscar por atendimento psicológico gratuito, oferecido por parte dos estudantes de Psicologia da instituição sob supervisão de professores. O TCLE constava no início de todos os formulários do Google Forms, sendo exigida sua leitura e concordância para prosseguimento da pesquisa. Além disso, o termo foi enviado para os e-mails dos participantes para que se tenha acesso a ele.

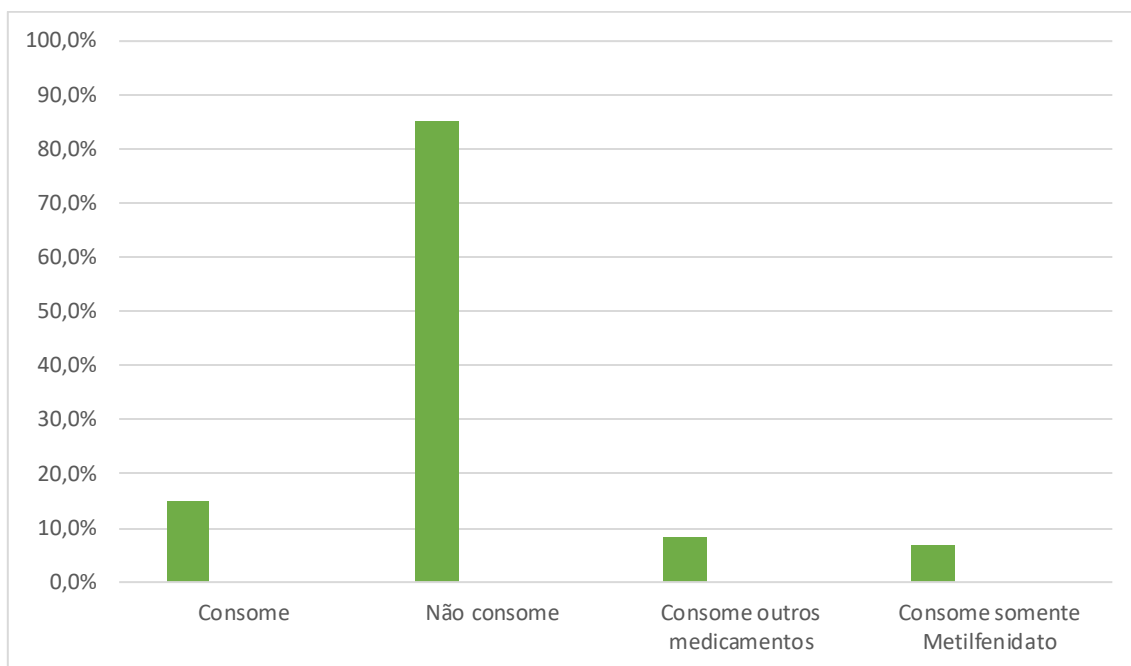
4. RESULTADO E DISCUSSÃO

A primeira etapa da pesquisa, que foi a aplicação de um questionário via Google Forms, teve um total de 134 respostas, das quais 114 foram do sexo feminino, que equivale a 85% dos participantes e 20 do sexo masculino, que equivale a 15%. De todos, 45,5% dos participantes tinham 18 anos, 27,6% tinham 19 anos, cerca de 14% tinham 20 anos e os demais estavam em outras faixas etárias.

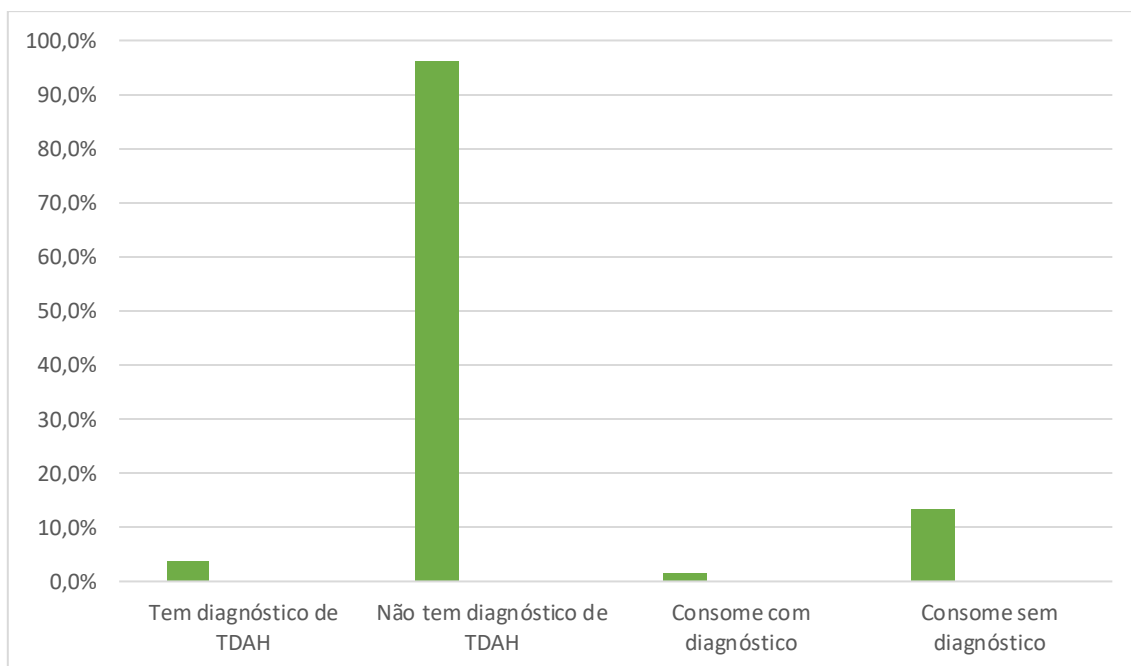
A pergunta 1 solicitava que o participante indicasse há quanto tempo estuda em cursinho, sendo que cerca de 65% estudava há mais de um ano e aproximadamente 35% estudava há menos de um ano.

No que se refere a pergunta 2, que foi sobre o (s) curso (s) que deseja fazer no ensino superior, as respostas foram muito variadas. 63,4% dos participantes afirmaram desejar cursar Medicina, cerca de 9% afirmaram Psicologia, 3,7% afirmaram Direito e os demais optaram por outros cursos ou não tinham certeza.

A pergunta 3 procurou identificar quantos participantes já foram diagnosticados com TDAH, e seus resultados podem ser encontrados no gráfico 2, em conjunto com o índice de consumos com e sem tal diagnóstico. Já a questão 4 investigou sobre o consumo de medicamentos no cursinho e seus resultados se encontram no gráfico 1.

Gráfico 1. Índice do consumo de medicamentos

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 2. Índice de consumo e TDAH

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao todo, cerca de 15% dos participantes consumiram medicamentos como forma de auxílio nos estudos, sendo que dentre esses, cerca de 55% os consumia sem diagnóstico de TDAH. As respostas da pergunta 4 também foram muito variadas, em que 85% dos

participantes afirmaram não consumir nada, enquanto 6,7% afirmaram consumir ou já ter consumido Ritalina e/ou Concerta no cursinho.

Os demais apontaram ter consumido outros tipos de medicamentos, sendo eles ansiolíticos, os quais não foram especificados pelos participantes, antidepressivos como Cloridato de Sertralina, Cloridato de Venlafaxina e o estabilizador de humor Lítio. Também foram indicados outros estimulantes, dos quais Lisdexanfetamina, Vimpocetina, Sulbutiamina e Modafinila foram citados pelos participantes.

A pergunta 5 solicitou que os participantes assinalassem as alternativas, que eram a respeito do consumo de medicamentos para melhorar a performance estudantil, com as quais mais se identificavam. 63,4% afirmaram acreditar que eles podem ser nocivos para a saúde mental a longo prazo, enquanto cerca de 27% afirmaram acreditar que tais medicamentos podem contribuir para o rendimento nos estudos. Vale ressaltar o fato de que cerca de 2% assinalaram ambas as alternativas.

Ainda, cerca de 23% afirmaram que os medicamentos à base de Metilfenidato já lhes foram indicados no cursinho e aproximadamente 39% afirmaram ter colegas no cursinho que os consomem. A última questão de múltipla escolha do questionário levantou quantos participantes já leram a bula de tais psicofármacos, sendo que cerca de 79% afirmaram não ter lido.

Um dado que chamou a atenção é o fato de que dentre os que afirmaram consumir ou já ter consumido Ritalina e/ou Concerta, cerca de 33% afirmaram não ter lido a bula de tais medicamentos, enquanto que, dentre quem afirmou não consumi-los, 9,6% afirmaram já ter lido sua bula. Ou seja, houve participantes que afirmaram não os consumir, mas leram sua bula, o que permite levantar uma reflexão acerca do porquê disso.

Considerando que houve relatos de indicação desses medicamentos no cursinho e conhecidos de participantes que os consomem, pode-se levantar como possibilidade que há casos de pessoas que se interessaram, mesmo que minimamente, em se informar mais sobre eles. Além disso, o que levou 9,6% de participantes, que após ler sua bula, decidiram não os consumir? É possível que a informação tenha levado a algum nível de conscientização.

Ao realizar as análises estatísticas, na variável idade e consumo, foi possível concluir que esse fator não influenciou no consumo dos medicamentos, pois o valor não foi estatisticamente significativo ($p = 0.84$). Um dado que chamou atenção é o fato de que a variável TDAH não influenciou no consumo dos medicamentos, pois o valor também não foi estatisticamente significativo ($p = 0.11$). Contudo, a variável tempo que estuda no cursinho influenciou no consumo de medicamentos, uma vez que o valor foi estatisticamente

significativo ($p = 0.04$). Ou seja, o tempo foi fator determinante para seu consumo. Portanto, foi possível responder duas das perguntas propostas no projeto da presente pesquisa.

No que se refere às questões dissertativas, a primeira era destinada para quem já consumiu medicamentos como forma de auxílio nos estudos, em que foi indagado sobre os efeitos sentidos por eles. Foi possível observar relatos de participantes que afirmaram ter desenvolvido insônia, dores de cabeça, aumento de estresse e náuseas.

Também houve relatos de aumento na atenção e concentração, em que uma parte de tais relatos eram seguidos por descrições de insônia e estresse. Foi relatado também como atribuição de seus efeitos a reincidência de TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático) e desenvolvimento de ansiedade, depressão e ataques de pânico.

A segunda pergunta dentre as questões dissertativas buscou investigar quais os benefícios e malefícios que os participantes acreditam que tais medicamentos podem oferecer. De forma geral, apontaram como benefício o aumento de concentração, mas como malefício, um aumento de sintomas ligados a ansiedade. Alguns apontaram também que o uso deles poderia trazer muitos malefícios principalmente para quem os consome sem prescrição. Ainda foi possível observar como tais medicamentos afetaram colegas de cursinho dos participantes.

Três relatos pareceram ser importantes para serem destacados no presente artigo. A participante A.L. afirmou que tinha colegas que amassavam e inalavam Ritalina, além de observar alunos que vendiam tais medicamentos para outros. Ela também afirmou que tinha estudantes que alegavam não ter TDAH e que recorriam aos medicamentos mesmo assim.

Outro relato que chamou a atenção e que pareceu ser importante a ser destacado foi do participante S., que também afirmou ter observado colegas inalando Ritalina e que observou consequências como ansiedade. Outro relato destacado é da participante S.G., que ressaltou o fato de que a intervenção medicamentosa à base do Metilfenidato não deve ser o único auxílio para os casos de TDAH.

Por fim, foi indagado se gostariam de fazer algum último comentário a respeito da temática, em que de forma geral, participantes destacaram que sabem de casos de estudantes que se atribuem um diagnóstico pela dificuldade nos estudos sem consultar um profissional antes.

Também houve cumprimentos ao pesquisador por abordar essa temática com os estudantes, pois parece ser uma discussão que não é muito abordada nessas instituições, bem como tiveram relatos de participantes que se interessaram a pesquisar mais sobre a temática e afirmaram que iriam procurar se informar mais, o que parece ir ao encontro com

um dos objetivos da presente pesquisa, que é promover conscientização entre os vestibulandos.

A segunda etapa da coleta de dados foi a realização de entrevistas individuais e semiestruturadas com estudantes de cursinhos. Ao todo, foram quatro entrevistas cuja finalidade foi levantar as concepções de estudantes acerca da temática da pesquisa e aprofundar nas questões relacionadas às suas relações com os estudos, bem como caracterizar os efeitos que tais medicamentos exerceram nos casos em que foram consumidos.

Dois dos entrevistados relataram ter consumido Ritalina ao longo de sua vivência no cursinho e um relatou ter conhecido colegas que os consumiam. Apenas um dos entrevistados afirmou desconhecer os por completo, contudo, vale ressaltar que este ingressou no cursinho no início do ano da coleta de dados, e teve pouca vivência na instituição por conta do afastamento social, em razão da pandemia.

Todos os participantes afirmaram que gostam de estudar, principalmente as disciplinas pelas quais mais possuem afeição. Foi interessante levantar como essa relação se deu no contexto do ensino em modalidade a distância, dadas as circunstâncias em que a pesquisa aconteceu. As respostas mediante isso foram de dificuldade para se adaptar no começo da pandemia e como foi desafiador equilibrar os estudos junto com as situações pelas quais todos tinham de lidar devido o cenário proporcionado pelo Sars-CoV-2.

Ao indagar se o participante fazia algum acompanhamento psicológico, todos negaram. Foi possível levantar que para alguns deles, o papel de psicólogas (os) ainda é estigmatizado e comparado ao trabalho de *coaches*. Então, soube-se que há cursinhos que contratam esses profissionais para realizar atendimentos para os estudantes.

O que chamou a atenção em tal relato é que o trabalho dessas pessoas pareceu individualizar questões que são psicossociais e responsabilizar o indivíduo pela sua situação, como um relato que afirmou que era dito por essas pessoas discursos como “você têm que reger sua vida” (sic). É um tópico que será discutido mais à frente, no presente artigo.

A análise das entrevistas permitiu perceber que os entrevistados que estavam familiarizados com os medicamentos à base de Metilfenidato tratavam do assunto com certa naturalidade, como se fosse parte de seu cotidiano. Isso se evidenciou principalmente quando o participante T.M. afirmou que soube deles por meio de uma “conversa normal” (sic) com colegas de cursinho.

Quanto aos participantes que os consumiram, percebeu-se que ambos souberam do medicamento por meios diferentes. A participante V.L. tomou conhecimento deles por meio da internet, o que permite refletir sobre o acesso que se pode ter a essas informações,

enquanto o participante V.H. soube por meio de um parente que o consome em seu trabalho, o que também permite refletir acerca da medicalização no mercado de trabalho.

É importante destacar a pesquisa de Abshar e Souza (2014) que apontou como estudantes de ensino fundamental atribuem ao mercado de trabalho o significado de seus estudos. Com a ciência de que há medicalização tanto nos cursinhos quanto no mercado de trabalho, foi possível apontar que a medicalização está fortemente ligada à alienação nos estudos. Além disso, é possível refletir que o sentido alienante do estudar, na infância, repercute nas outras fases da vida também.

O conteúdo custo-benefício foi um dos mais presentes nos discursos de quem os consumiu. Ambos pareceram acreditar que até houve benefícios em consumi-los, contudo, os malefícios pareceram prevalecer nos dois casos. A desregulação no sono, aumento de ansiedade e até mesmo o fato do medicamento ser tarja preta foram fatores que levaram a participante V.L. a parar de consumi-los em sua vivência.

Mesmo o participante V.H. que afirmou não se arrepender de ter recorrido a eles, apontou os riscos da automedicação, outro conteúdo presente nos discursos de todos os entrevistados. Nenhum dos participantes desta etapa da pesquisa fazia acompanhamento profissional, e três deles, incluindo quem já os consumiu, afirmaram sentir a necessidade de recorrer a algum profissional da Psicologia. Foi interessante observar também que o participante H.T., que relatou não sentir tal necessidade, afirmou ter bastante suporte familiar, o que parece ressaltar o papel da família, como instituição, como apoio durante esse processo de escolha profissional e frequência a cursinho pré-vestibular.

Ao comparar os dados obtidos nas entrevistas com o questionário, foi possível verificar que o sentido atribuído aos estudos, por parte dos estudantes de cursinho, está mais voltado para a aprovação no Vestibular, pois os símbolos associados aos estudos e ao consumo de medicamentos se volta à admissão no ensino superior e inserção no mercado de trabalho.

Ou seja, a medicalização nos cursos pré-vestibular parece se manifestar como um meio de acelerar a passagem dos estudantes nessas instituições, sem que se desenvolva crítica e reflexão em seus estudos, bem como a prevalência pela busca de um suposto sucesso acadêmico antes do zelo pela saúde mental.

A bibliografia levantada na presente pesquisa foi capaz de evidenciar que a saúde mental parece estar fortemente ligada ao sentido e significado nos estudos, que pode ser um dos antídotos ao fracasso escolar. Um estudo de Asbahr (2014) destaca considerações teóricas a respeito do sentido e significado à luz da Psicologia Histórico-Cultural.

Uma possível compreensão de significado está ligada aos fatores sociais, políticos e econômicos que atravessam a população. É a partir da construção do conhecimento, fator

eliciador da atividade humana, e sua relação com os símbolos da sociedade que as experiências do ser moldam seus significados.

Enquanto isso, o sentido está ligado aos motivos que antecedem a ação humana, a qual é norteadada pelos significados que o indivíduo estabelece a partir da relação dialética entre a ação e sua consciência. Portanto, os determinantes sociais estão diretamente ligados com os sentidos e significados que as pessoas estabelecem em suas ações no mundo (ASBAHR, 2014).

Nesse sentido, vale refletir acerca do apontamento de Whitaker (2010) sobre o sistema do Vestibular existir no cenário socioeducacional brasileiro há mais de cem anos. A sociedade no presente contexto é construída nos moldes desse sistema, sua educação está voltada para formação que preza pela aprovação nas provas de admissão no ensino superior.

Ressalta-se que, além da medicalização nos cursinhos, a presente pesquisa também pôde investigar mais acerca do sofrimento nessa fase da vida. Como já indicado na bibliografia, a sociabilidade é um fator de desenvolvimento, que parece ser fundamental para os estudos. Um conteúdo muito presente nas entrevistas foi a competitividade, como sendo um elemento que elicia sofrimento e parece contribuir para a medicalização também.

Levanta-se a seguinte reflexão: se ao invés de buscar por medicamentos como forma de aprovação no Vestibular, os estudantes pudessem recorrer aos seus próprios colegas para que se tenha um auxílio mútuo nos estudos?

É institucionalizado no ensino brasileiro toda a lógica de competitividade e da exigência de estudos que estejam voltados para o sentido alienante de ensino. Ademais, como afirma Whitaker (2010), o atual contexto socioeducacional não está voltado ao desenvolvimento de crítica nos estudos. Portanto, parece ser muito importante que as instituições de ensino prezem pela cooperação nos estudos antes da competição, pois a troca de sentidos é capaz de ressignificar os estudos, contribuindo para a aprendizagem (ASBAHR, 2014).

Enfim, a terceira etapa de coleta dos dados se tratou de duas entrevistas semiestruturadas com profissionais da Psicologia, sendo que um deles atua como psicoterapeuta e outra é orientadora profissional. Ambos afirmaram que um de seus principais referenciais teórico-práticos está mais voltado para a Psicanálise.

A finalidade das entrevistas foi investigar as concepções de tais profissionais acerca da temática, bem como fazer um levantamento de possíveis intervenções clínicas e institucionais para psicólogas (os) mediante a situação levantada na presente pesquisa, buscando-se zelar pela saúde mental dos vestibulandos.

Ao indagar sobre o consumo de medicamentos como forma de auxílio nos estudos nas entrevistas, foi destacado que, por parte da amostra atendida pelos profissionais, não havia recorrência de tal fenômeno. Contudo, foi possível observar que existe, muitas vezes, um movimento da família do vestibulando procurar intervir nos atendimentos, buscando por alianças com o profissional, com intenções de direcionar tais atendimentos e escolhas profissionais. Então, é possível refletir sobre o papel que a família, como instituição, tem exercido para com a medicalização e pressão social em vestibulandos.

Outrossim, ambos os profissionais apontaram que, em suas experiências, puderam observar que existe, também, o consumo de drogas não apenas como forma de buscar um aumento na performance nos estudos, mas como forma de lidar com a angústia e ansiedade dessa fase da vida. Houve relatos de vestibulandos que recorreram ao uso excessivo de maconha, bebidas alcólicas e Metilenodioximetanfetamina, também conhecido como MD.

A análise das entrevistas permitiu observar como a palavra “competição” e seus sinônimos estão ligadas ao Vestibular e à angústia desse público. A questão dos medicamentos, em específico, não surgiu como pauta principal das entrevistas, contudo, foi possível discutir outros tipos de drogas, quais os efeitos que a questão psicossocial do Vestibular afeta na saúde mental da população e o papel da medicalização nesse contexto.

Um dos entrevistados trouxe a questão do *self* neuroquímico, que se trata da concepção de que o ser humano é apenas um aglomerado de processos orgânicos e que todos os seus problemas estão ligados ao organismo. Isso pode gerar um afastamento do verdadeiro *self*, ser fonte de sofrimentos psíquicos muito intensos para a vida e da necessidade de recorrer à medicalização.

Ambos os profissionais apontaram a importância de psicólogos (os) manterem atenção mediante questões sociais ligadas à pauta da medicalização na educação, como indica o relato: “Acho que a medicalização é um sintoma de um modo de organização social que precisa de pessoas anestesiadas, ou aceleradas [...]” (sic). Ou seja, independentemente da área de atuação ou abordagem teórica, parece ser importante para os profissionais da saúde mental compreender como isso se manifesta na população.

Portanto, com base nas entrevistas com profissionais da Psicologia, a presente pesquisa propõe algumas possíveis ideias de intervenções clínicas e institucionais mediante a medicalização nos cursinhos. Vale ressaltar que, para chegar em intervenções mais elaboradas e precisas acerca da situação, é necessário que a temática seja mais explorada, implicando na necessidade de mais pesquisas dentro das ciências Psi. O que se levanta no presente artigo são ideias e possibilidades que podem, em alguma medida, beneficiar os vestibulandos, os cursos pré-vestibular, profissionais e estudantes da área.

Para a clínica, parece ser pertinente destacar a importância de oferecer um espaço de escuta e acolhimento para um público que lida com muitas questões que geram muito sofrimento nessa fase da vida, bem como manter atenção às questões ligadas ao consumo de medicamentos e compreendê-las como fenômenos psicossociais. A partir de manejos clínicos que visem refletir sobre o resgate à criatividade do vestibulando e na oferta de um *holding*, pode-se articular intervenções terapêuticas que possam desconstruir a concepção de um *self* neuroquímico, aproximando o indivíduo ao verdadeiro *self* (WINNICOTT, 1975).

Intervenções que possam resgatar o lúdico no indivíduo, que levistem reflexões a respeito de seu papel mediante as pressões sociais e familiares, bem como compreender a dinâmica de suas relações na instituição parecem ser fatores que podem promover saúde mental. Mesmo na clínica, parece ser importante também elucidar como fatores psicossociais podem estar envolvidos nessa situação, tanto para a pessoa que está sob atendimento quanto para sua família, considerando o que fora descrito acima sobre o papel que famílias têm desempenhado nesse meio.

Já as possíveis intervenções institucionais podem envolver um trabalho em modalidade grupal de Orientação Profissional. Um grupo existe a partir de um laço social, e a situação do Vestibular parece ser um fator que pode unir os vestibulandos de modo a elaborar intervenções psicossociais de grupos (AFONSO, 2007).

Uma proposta da modalidade grupal de trabalho é que os membros do grupo podem partilhar suas experiências, ideais, sentimentos e saberes. A Orientação Profissional pode surgir nessas instituições como forma de oferecer um espaço, dentro do cursinho, para que os estudantes possam expressar sua criatividade nesse contexto, algo que parece ser importante tanto para promoção de saúde mental quanto para fins de aprendizagem.

O trabalho da (o) psicóloga (o) em Orientação Profissional nesse caso pode envolver a elaboração dos lutos e angústias relacionadas à escolha de carreira e fim da infância e adolescência, bem como manter atenção às questões ligadas ao consumo de medicamentos para poder elucidar os membros do grupo acerca disso. Também pode ser pertinente levantar reflexões acerca dos campos profissionais que os membros desejam seguir, bem como discussões sobre o papel que o grupo pode ter em cooperar com a passagem por essa fase da vida para se chegar onde deseja.

Ademais, um dos fatores que mais pareceram ser importantes no antídoto à medicalização nos cursinhos é a promoção da cooperação nos estudos. A lógica que pareceu imperar nos cursinhos é da competição como forma de sucesso acadêmico. Portanto, a elaboração de um grupo psicossocial parece ser capaz de contribuir para sua redução, em alguma medida.

Esses são trabalhos que profissionais da Psicologia podem exercer em sua atuação, com base em estudos e pesquisas que respeitam o espaço que o público atendido precisa para se expressar, assim como adotar intervenções que levem em consideração o contexto social em que os estudantes estão inseridos. Não parece se encaixar nas competências que um *coach* pode adotar em seu trabalho para pessoas que apresentam tamanha dificuldade.

Por fim, parece ser importante destacar também que todo sofrimento decorrente dessa fase da vida não necessariamente exige intervenções psicológicas. Dependendo dos fatores psicossociais, das dinâmicas das relações do estudante e sua relação com os estudos, mesmo que se tenha sofrimento, isso não necessariamente exige auxílio profissional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante refletir sobre como o sentido e significado que se atribui aos estudos têm um papel ativo para a construção de subjetividade e melhores processos de aprendizagem, tanto na academia quanto na vida. Nesse sentido, a pesquisa pôde fazer um levantamento de como a medicalização surge na vida dos vestibulandos como um empecilho para isso.

É papel dos profissionais da Psicologia compreender a totalidade e complexidade acerca do sofrimento pelo qual esse público lida, bem como os fenômenos socioeducacionais que estão por trás disso. Apesar dos medicamentos à base de Metilfenidato ainda serem controversos, pode-se concluir que alguns de seus efeitos ainda são desconhecidos, o que ressalta a importância de compreender seu papel na atualidade e como a sociedade os entende e os consome.

A situação de pandemia do Sars-CoV-2 dificultou e limitou algumas das propostas e andamentos da presente pesquisa, contudo, foi possível explorar novos caminhos e cumprir boa parte de seus objetivos, bem como responder o principal problema que norteou todo seu andamento: Qual o papel da medicalização na produção do fracasso escolar em vestibulandos?

Apesar de entender a importância que o (a) leitor (a) reflita a partir dos resultados apresentados, compreende-se que deve ser esclarecido que a medicalização pareceu surgir como uma forma de manter um sentido alienante aos estudos e que prejudicou a saúde mental dos participantes que relataram sobre seu uso. A relação direta entre um fator e outro se evidenciou quando se percebeu que quanto maior o tempo que os participantes frequentaram cursinho, maior era o consumo de medicamentos, um dado cujo resultado foi estatisticamente significativo.

Vale ressaltar que um dos objetivos que não foram cumpridos foi a conscientização do corpo docente destas instituições, assim como o levantamento de suas concepções acerca da temática. Parte da coleta de dados proposta no projeto envolvia entrevistas individuais e

semiestruturadas com professoras (es) de cursinhos, porém, nas tentativas de contato com tais pessoas, foi esclarecido que os mesmos estavam lidando com muitas adaptações e cargas de trabalho maiores por conta da pandemia e o ensino em modalidade a distância.

Uma parte da coleta de dados do projeto seria a realização de Grupos Focais com os estudantes de cursinho, ao invés das entrevistas. Seria um meio de colocar em prática uma modalidade grupal de trabalho nessas instituições, contudo, a situação da pandemia também impossibilitou sua realização. Por isso, foram realizadas as entrevistas individuais e semiestruturadas com esse público.

Todavia, foi possível aprofundar mais a relação dos estudantes com os sentidos e significados que atribuem aos estudos nas entrevistas individuais, assim como investigar as repercussões da pandemia e o ensino em modalidade a distância nisso. Ressalta-se que mesmo na situação de isolamento social, houve relatos de consumo de medicamentos.

Outrossim, conforme o estudo de Asbahr (2014), o sentido e significado nos estudos possuem relação direta e indissociável com a história da sociedade. Ou seja, pode-se levar em consideração que o contexto da pandemia afetará a construção de tais símbolos na sociedade.

Por fim, ressalta-se a importância dessa temática ser mais pesquisada, pois uma das principais lições que a presente pesquisa deixou foi que os vestibulandos precisam de mais espaço e lugar para serem ouvidos. Afinal, são protagonistas de um processo árduo e a Psicologia parece poder contribuir bastante para com essa situação.

6. REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda. **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde: Um método de intervenção psicossocial**. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

ARAÚJO, Marcos Vinícius de.; CALDAS, Roseli Fernandes Lins. **Psicologia e Educação: expectativas, desafios e possibilidades**. In MOLINA, Rinaldo.; ANGELUCCI, Carla Biancha. (Orgs.) **Interfaces entre Psicologia e Educação – Desafios para a formação do psicólogo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 45-62.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. **Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica**. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 18, Número 2, Maio/Agosto de 2014: 265-272.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira.; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. **“Por que aprender isso, professora?” Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural**. Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho; Universidade de São Paulo, 2014.

BOGDAN, Robert. BILKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 1994.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional – a estratégia clínica**. Trad. José Maria Valeye Bojart; revisão e adaptação Wilma Millan Alves Penteado – 13. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2015.

CARPIGIANI, Berenice. **Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima. MOYSÉS, Maria Aparecida Afonso. **A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (a patologização da educação)**, Série Idéias, v. 23, p. 25-31, 1994.

CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicofármacos: consulta rápida**. 3. ed. / 2006 reimp. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. **Contribuições da psicologia social e psicologia política ao desenvolvimento da psicologia social comunitária**. Psicologia & Sociedade; 8(1): 63-82; jan./jun.1996.

GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et. al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et. al. – 5. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. **Para uma crítica da medicalização na educação**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012. p. 135-142.

OLIVEIRA, Eliana. et. al.; **Análise de conteúdo e pesquisa na área de educação**. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 4, n.9, p.11-27, maio/ago. 2003.

SOUZA, Beatriz de Paula. **Puxando o tapete da medicalização do ensino: Uma outra educação é possível**. Estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 1, p. 299-316, jan./abr. 2014.

TOLEDO, Liliane de Paula. **Para além da escola e da empresa: contribuições para o atendimento em orientação de carreira**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2014. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-25032015-152315/pt-br.php> > Acesso em 19/03/2020.

TRIGUEIRO, Emília Suitberta de Oliveira. **Adolescentes e o doping intelectual: Elementos para o debate**. IV Seminário internacional; A educação medicalizada: Desver o mundo, perturbar os sentidos, 2015.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: Um desafio para a Orientação Profissional**. Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, Brasil - 2010.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.